

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Dudu poderia ter sido um jovem como a maioria dos jovens de sua geração. Mas não foi. E levado uma vida como a maioria dos jovens leva. Mas não levou.

Nascido em 5 de agosto de 1984, em Porto Alegre, era filho de Eugênio Merck de Sá e de Alessandra Carpes de Sá. De ambos os lados, Sá e Carpes, vinha de famílias tradicionais, em que se mesclam o pensamento e a ação política de alto nível com o rigor da formação militar e a transcendência das convicções cristãs.

No sangue, a combinação da herança europeia, a mescla de genes germânicos, portugueses, espanhóis e franceses com a mais legítima linhagem bugra de quarta geração.

Primeiro filho, foi também primeiro neto. E, portanto, cercado de amor por todos os lados. Quando criança, passou por todas as ocorrências comuns a todas as crianças, das pequenas enfermidades às travessuras que preocupavam os pais. Adolescente, era rebelde e contestador, sem perder o respeito nem ignorar as razões contrapostas.

Fisicamente, desde bebê mostrou-se muito bonito, mais do que a maioria das pessoas. Orgulhava-se disso, qual narciso dos pampas. Mas jamais fez da aparência física motivo de autodistinção em relação aos outros. Nem tampouco foi a beleza apolínea que o fez sobressair nos meios em que conviveu.

Sua personalidade e seu caráter, forjados na têmpera da seriedade e do respeito ao próximo e alimentados em abundância pelo amor familiar, deixaram marcas indelévels nas vidas de todos que com ele alguma vez conviveram.

Num só ponto era irreduzível: era colorado, torcedor fanático do Internacional, sem admitir qualquer possibilidade de superação pelo Grêmio, o adversário tradicional.

Sua marca registrada foi a alegria, estampada em sua face sempre sorridente, simpática e catalisadora de afeto.

Quem o conheceu não pôde deixar de amá-lo. E não houve quem o amasse pouco, pois dava e recebia afeto sempre intensa e expansivamente. A exceção foi o bandido que, sem motivo e sem reação, com um tiro de surpresa, por pura maldade, tirou-lhe a vida e roubou-lhe o futuro.

Carlos Eduardo nunca fez, deliberadamente, qualquer coisa que contivesse a intenção de se fazer notado. Era tímido por natureza e recatado por construção.

Para todos quantos o conheceram, parecia que Dudu era destinado à projeção e ao destaque, coisas de que gostava, mas não buscava. Poucos foram capazes de entender a modéstia que nele parecia imprópria. Pois o que Dudu realmente queria é que o amassem pelo que de fato era e que o admirassem pelo que de fato sabia ser. E não pelo potencial que demonstrava ter.

Estudante de Arquitetura, encaminhava-se para o exercício profissional na área para a qual era vocacionado e na qual acreditava vir a se realizar.

Há algum tempo, havia desfeito o namoro com a muito amada Andreia, a Dedé, de quem estava se reaproximando e com a qual pensava contrair matrimônio.

Sua morte prematura, como vítima de um assassino impiedoso e sem causa, interrompeu brusca e dolorosamente o curso de sua vida, que se desenhava, como até então, orientada para um futuro pleno de luz, de alegria e de felicidade. E lançou sobre a família, os amigos, os colegas e conhecidos a sombra negra do luto, da tristeza e da revolta.

Luto, tristeza e revolta que, sem pressa, o tempo, esse iconoclasta, tem se encarregado de esmaecer e de amenizar. E, no entanto, esse mesmo tempo se mostra incapaz de apagar a lembrança cada vez mais forte e a saudade sempre imarcescível do Dudu. A morte de

Carlos Eduardo ressaltou o valor que teve enquanto viveu. Pois a ausência que chega dá relevo à presença que se vai.

A notícia de seu assassinato, que a todos pegou de surpresa, não foi divulgada pela imprensa. Morto às 22h30min de 16 de março de 2006, seu corpo só foi liberado para as cerimônias fúnebres próximo ao meio-dia do dia seguinte. Entretanto, seu velório foi incomum. Ninguém sabe exatamente como, a notícia se espalhou. E foi comovedor constatar a presença de centenas de pessoas, de todas as idades, a chorar por Carlos Eduardo. Eram amigos, parentes, colegas e conhecidos, mesmo eventuais.

Em todos, o traço comum de um amálgama de choque, tristeza, dor e inconformidade. Em todos, o traço comum da perda irreparável. Em todos, o traço comum da união em torno de um amor que foi de comunhão de espíritos.

A missa de 7º dia foi celebrada na Igreja da Paróquia da Sagrada Família, a qual tinha tanto apego e onde gostava de participar dos encontros semanais de jovens do CLJ. Os jovens solicitaram ao Pároco permissão para fazerem uma homenagem ao Dudu. Foram desestimulados pelo sacerdote, que recomendou que não se iludissem a respeito, pois a frequência às missas de 7º dia eram normalmente muito baixas.

Entretanto, pelos amados do Dudu foi organizada uma passeata de protesto que, saindo do centro da Cidade, foi feita a pé até a igreja, na Cidade Baixa. Na hora da missa, a igreja estava superlotada, com muita gente em pé, com cartazes, faixas e fotos, que mesclavam palavras de indignação com protestos de amor. E os jovens, então, prestaram sua homenagem. E, junto com os adultos, cantaram e lembraram a memória de Carlos Eduardo. E, entre lágrimas e sorrisos, choraram a morte, que se extinguiu na terra, e celebraram a vida eterna, que se iniciava no regaço de Deus.

Não importa tanto a extensão da sua vida no tempo quanto à intensidade com que foi vivida. Seus poucos anos de existência foram suficientes para exemplificar o prazer de viver intensamente. E, por isso, Carlos Eduardo tornou-se um símbolo da juventude sadia e bem vivida.

Vítima ele da violência urbana, a maior vitimada, entretanto, foi a própria sociedade, que deverá, para sempre, lembrar que é em seu próprio meio que nascem e se criam a rosa perfumada do jardim e o agudo espinheiro da mata, a águia soberana dos ares e o corvo carniceiro do solo, o leão majestoso das selvas e a hiena traiçoeira das planícies. E que dependerá da forma como ela, a sociedade, buscar a realização do bem comum e da justiça social que deixarão de ocorrer e ser lamentados novos casos como o de Carlos Eduardo de Sá, assassinado no auge e no esplendor de sua juventude.

Por tudo quanto foi exposto, entendo necessário que a memória de Carlos Eduardo de Sá seja preservada na história de Porto Alegre, para que a sociedade se mantenha alerta e combativa em relação à violência, sim. Mas, sobretudo, para que seja lembrado que a alegria de viver, traço predominante da personalidade de Carlos Eduardo de Sá, além de um supremo tributo ao dom recebido de Deus, deve ser cultivada e multiplicada em todos os ambientes sociais, pois é por ela que se chega à felicidade e à vida plena.

Sala das Sessões, 31 de agosto de 2009.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROJETO DE LEI

Denomina Rua Carlos Eduardo de Sá o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7042 – Fase 2 – Loteamento Lagos de Nova Ipanema II.

Art. 1º Fica denominado Rua Carlos Eduardo de Sá o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7042 – Fase 2 – Loteamento Lagos de Nova Ipanema II –, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Exemplo de Juventude Sadia.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

/JCO